



Resultados Definitivos

A MORTALIDADE INFANTIL EM PORTUGAL

2000

Em 2000, Portugal apresentou uma taxa de mortalidade infantil ^(a) de 5,5‰. O número de nascidos-vivos, de mães residentes em território nacional, foi de 120 008, enquanto que os óbitos infantis se cifraram em 662.

A taxa de mortalidade infantil no nosso país apresentava nas décadas de 60 e 70, e até mesmo no início dos anos 80, valores bastante elevados. Em 1960, por cada 1000 crianças nascidas vivas morreram 78, com menos de um ano. Em 1970 esse valor atingiu 58, descendo para 24 em 1980. Em 1990, contudo, a taxa de mortalidade infantil em Portugal situava-se já nos 10,9‰.

Gráfico 1 - Evolução da taxa de mortalidade infantil

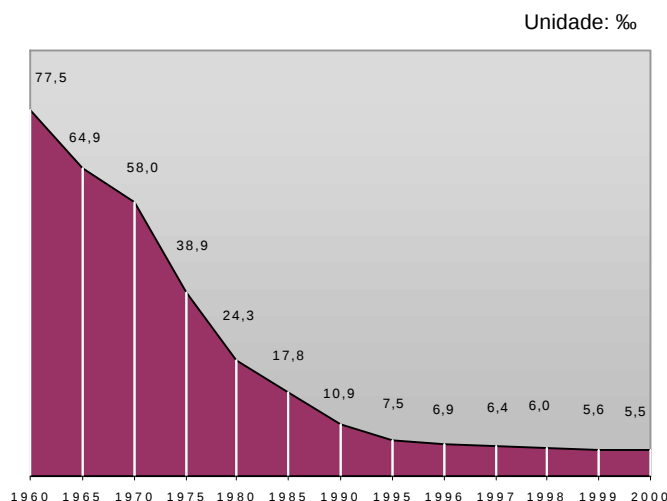
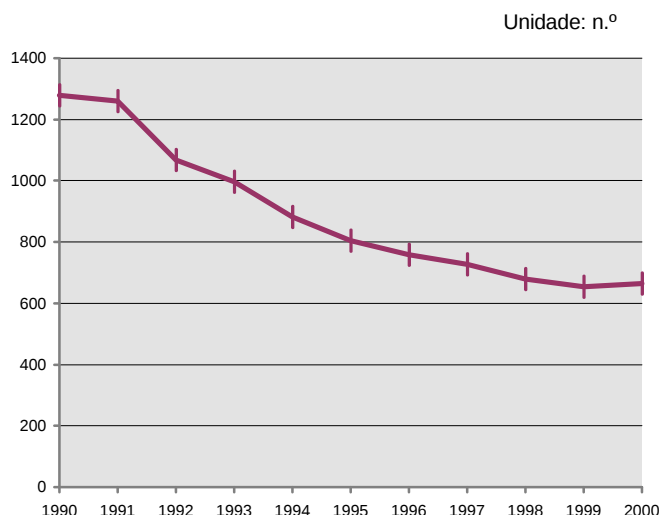


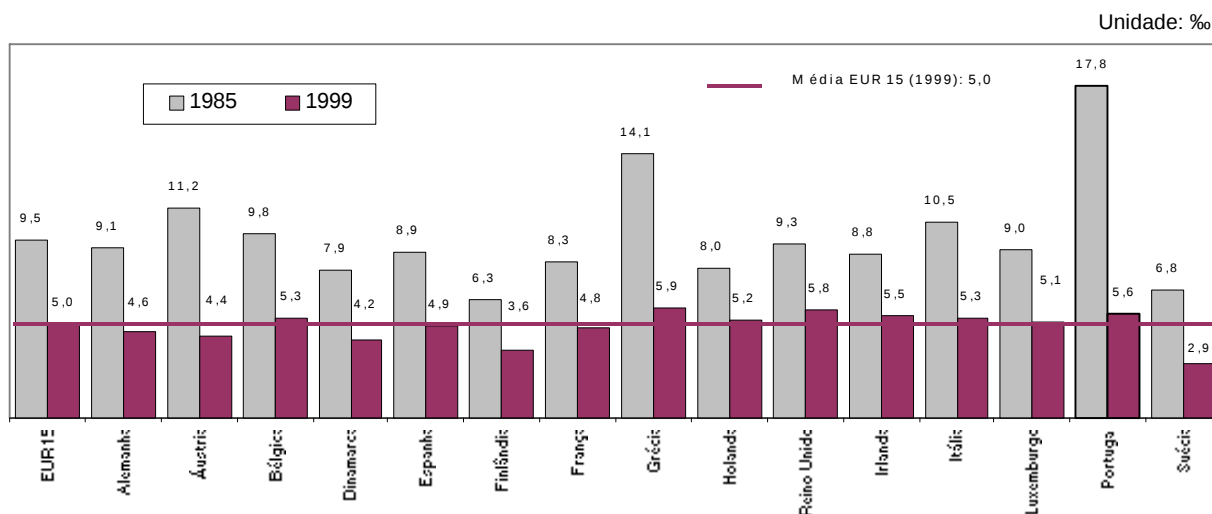
Gráfico 2 - Evolução da mortalidade infantil



A análise da evolução deste indicador no contexto da União Europeia (Gráfico 3) mostra também que, nos anos 80, Portugal se encontrava significativamente distante da generalidade dos países que agora a compõem, tendo entretanto recuperado e apresentando actualmente valores próximos aos dos seus parceiros comunitários.

Portugal deixou de ocupar o último lugar que ainda detinha em 1985, encontrando-se em 1999 numa situação mais favorável que o Reino Unido e a Grécia.

Gráfico 3 - Evolução da taxa de mortalidade infantil nos países da União Europeia

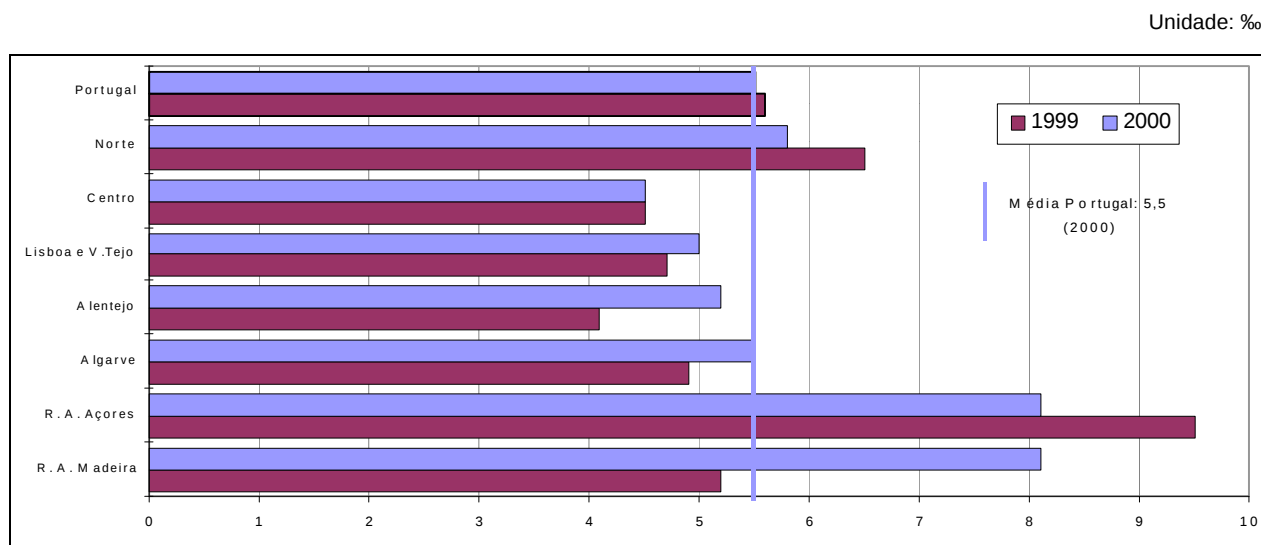


Fonte: EUROSTAT.

Nota. – As taxas referentes à Bélgica, Espanha, França, Holanda, Reino Unido e Irlanda são provisórias. As taxas referentes à Alemanha, Dinamarca, Grécia e Itália são estimativas efectuadas pelo EUROSTAT, bem como a taxa da EUR15.

Apesar de, progressivamente, se alcançarem valores mais baixos, ainda subsistem algumas diferenças quando se observam as taxas segundo a distribuição geográfica, em 2000. Apresentam valores acima da média nacional o Norte (5,8‰), a Região Autónoma dos Açores (8,1‰) e a Região Autónoma da Madeira (8,1‰); as regiões que detêm valores abaixo da média são o Centro (4,5‰), Lisboa e Vale do Tejo (5,0‰) e o Alentejo (5,2‰); o Algarve (5,5‰) apresenta um valor igual à média nacional.

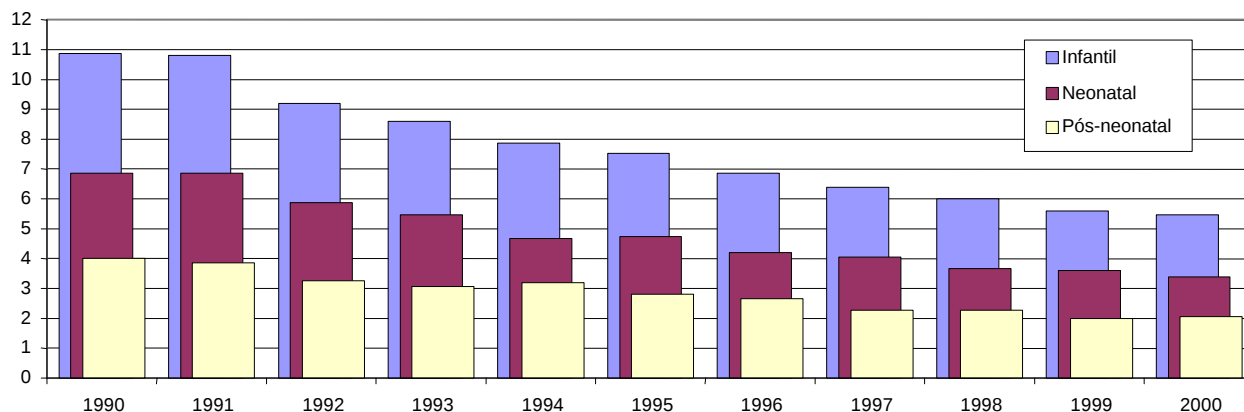
Gráfico 4 - Taxas de mortalidade infantil, segundo as regiões (NUTS II)



Observando as duas componentes da mortalidade infantil ^(b), verifica-se que a mortalidade neonatal ^(c) atingiu o valor de 410 e a pós-neonatal ^(d) de 252, em 2000.

Gráfico 5 - Taxas de mortalidade infantil, neonatal e pós-neonatal

Unidade: %



Entre 1990 e 2000, as taxas de mortalidade neonatal ^(e) e pós-neonatal ^(f) decresceram significativamente no País. A taxa de mortalidade neonatal passou de 6,9%, em 1990, para 3,4%, em 2000, evidenciando um decréscimo de 50,7% nesse período. A taxa de mortalidade pós-neonatal que em 1990 era de 4,0%, passou para 2,1% em 2000, diminuindo assim 47,5%. A mortalidade neonatal, teoricamente mais ligada a causas de morte endógenas, continua a ter um peso maioritário na globalidade da mortalidade infantil, verificando-se em 2000 uma proporção de 61,7% de óbitos neonatais contra 38,3% de óbitos pós-neonatais.

Quadro 1 - Taxas de mortalidade infantil, neonatal e pós-neonatal, segundo as regiões (NUTS II)

Unidade: %

Distribuição geográfica	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Portugal											
Taxa de mortalidade infantil	10,9	10,8	9,2	8,6	7,9	7,5	6,9	6,4	6,0	5,6	5,5
Taxa de mortalidade neonatal	6,9	6,9	5,9	5,5	4,7	4,7	4,2	4,1	3,7	3,6	3,4
Taxa de mortalidade pós-neonatal	4,0	3,9	3,3	3,1	3,2	2,8	2,7	2,3	2,3	2,0	2,1
Norte											
Taxa de mortalidade infantil	13,1	12,5	10,1	9,1	8,1	8,4	7,8	7,1	6,4	6,5	5,8
Taxa de mortalidade neonatal	8,7	8,0	6,3	5,7	4,8	5,2	4,9	4,5	3,9	4,2	3,7
Taxa de mortalidade pós-neonatal	4,4	4,5	3,8	3,4	3,4	3,1	2,9	2,5	2,5	2,4	2,1
Centro											
Taxa de mortalidade infantil	9,4	9,6	8,0	8,0	7,8	6,0	5,3	5,6	4,4	4,5	4,5
Taxa de mortalidade neonatal	5,4	6,1	4,9	5,2	4,4	3,6	2,9	3,6	2,4	3,2	2,9
Taxa de mortalidade pós-neonatal	4,0	3,5	3,2	2,8	3,3	2,3	2,3	2,0	2,0	1,4	1,6
Lisboa e Vale do Tejo											
Taxa de mortalidade infantil	8,5	9,4	7,8	7,9	7,3	6,4	6,0	5,8	5,9	4,7	5,0
Taxa de mortalidade neonatal	5,2	6,2	5,2	5,1	4,4	4,3	3,6	3,5	3,7	2,9	3,1
Taxa de mortalidade pós-neonatal	3,3	3,2	2,6	2,8	2,9	2,2	2,4	2,3	2,1	1,9	1,9
Alentejo											
Taxa de mortalidade infantil	9,3	8,8	7,5	8,5	8,7	8,6	5,3	5,2	4,5	4,1	5,2
Taxa de mortalidade neonatal	5,9	5,7	5,7	5,6	5,5	6,3	3,0	4,1	2,8	2,6	2,5
Taxa de mortalidade pós-neonatal	3,4	3,1	1,8	2,9	3,2	2,3	2,3	1,1	1,7	1,5	2,7
Algarve											
Taxa de mortalidade infantil	11,3	9,2	9,1	6,4	8,0	7,3	5,4	6,0	8,1	4,9	5,5
Taxa de mortalidade neonatal	7,1	5,9	6,0	4,9	4,4	3,9	3,5	4,7	6,3	3,7	2,5
Taxa de mortalidade pós-neonatal	4,2	3,3	3,1	1,5	3,6	3,4	1,9	1,3	1,8	1,2	3,0
R. A. Açores											
Taxa de mortalidade infantil	14,1	13,3	16,3	10,8	8,2	8,9	7,9	10,6	4,9	9,5	8,1
Taxa de mortalidade neonatal	10,5	8,8	12,5	7,8	6,3	5,4	5,1	7,1	2,6	4,5	4,3
Taxa de mortalidade pós-neonatal	3,6	4,5	3,8	3,0	1,9	3,4	2,8	3,4	2,3	5,1	3,8
R. A. Madeira											
Taxa de mortalidade infantil	12,1	10,4	11,2	14,1	10,8	10,8	11,9	6,7	10,4	5,2	8,1
Taxa de mortalidade neonatal	6,2	4,9	7,6	8,3	6,6	5,2	7,9	2,2	5,5	4,0	5,3
Taxa de mortalidade pós-neonatal	5,9	5,5	3,5	5,8	4,2	5,6	4,0	4,5	4,9	1,2	2,8

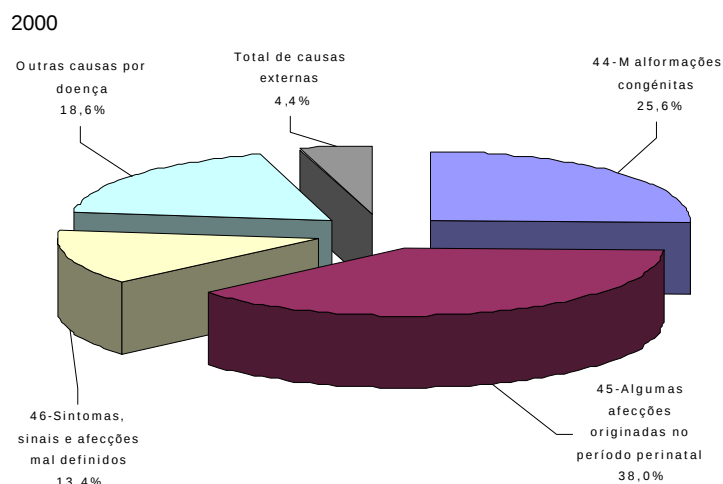
Nota. - Arredondamentos feitos a uma décima. Os totais podem não coincidir com as parcelas, devido a arredondamentos.

Dados rectificados de 1990 a 1996, correspondentes a Portugal - Taxa de mortalidade infantil.

As causas de morte “Algumas afecções originadas no período perinatal” ^(g), com 253 óbitos (38,0%), “Malformações congénitas” ^(h), com 170 (25,6%), e “Sintomas, sinais e afecções mal definidos” ⁽ⁱ⁾, com 89 (13,4%), foram responsáveis por cerca de 77% do total de óbitos infantis, em 2000.

Uma análise da mortalidade infantil em 2000, considerando apenas as causas externas, permite identificar “Outros acidentes, incluindo os efeitos tardios” ^(j), com 13 óbitos (44,8% das causas externas), “Acidentes de transporte” ^(k), com 4 (13,8%), e “Outras violências” ^(l), com 3 (10,3%).

Gráfico 6 - Óbitos com menos de 1 ano, segundo as principais causas de morte (lista básica CID-9)



Os três grupos de causas de morte externas já referidos mantêm, entre 1990 e 2000, a mesma posição relativa, representando, em média, 78% dos óbitos por causas não naturais.

Há, naturalmente, ao longo da década, ritmos diferenciados entre cada um dos grupos, quanto à sua tendência decrescente. Assim, “Algumas afecções originadas no período perinatal” ^(g) apresenta uma variação negativa de 56%; “Malformações congénitas” ^(h) verificou um decréscimo de 48%; e “Sintomas, sinais e afecções mal definidos” ⁽ⁱ⁾ diminuiu 10%.

As causas externas (lesões traumáticas e envenenamentos) apresentam neste período (1990-2000) uma quebra de 65%.

Notas:

- (a) Número de óbitos de crianças com menos de 1 ano por 1000 nados-vivos
- (b) Óbitos de crianças com menos de um ano de idade
- (c) Óbitos de crianças com menos de 28 dias de idade
- (d) Óbitos de crianças com 28 ou mais dias e menos de 1 ano
- (e) Número de óbitos de crianças com menos de 28 dias por 1000 nados-vivos
- (f) Número de óbitos de crianças com 28 ou mais dias e menos de 1 ano por 1000 nados-vivos
- (g) Grupo 45 (Lista Básica da CID-9)
- (h) Grupo 44 (Lista Básica da CID-9)
- (i) Grupo 46 (Lista Básica da CID-9)
- (j) Grupo E52 (Lista Básica da CID-9)
- (k) Grupo E47 (Lista Básica da CID-9)
- (l) Grupo E56 (Lista Básica da CID-9)